



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante confraternização de Natal com os funcionários da Presidência da República**

**Palácio do Planalto, 19 de dezembro de 2008**

Agora vão andar pelo mundo aí, dizendo que tem o coral da Presidência da República. Na hora em que o maestro Renato preparar bem vocês, quando tiver aqui uma solenidade com alguns presidentes, eu vou levar o meu coral agora. Maestro, o Gilberto Carvalho e a Dilma precisam fazer uma concessãozinha para o pessoal não colocar toda a hora do almoço para treinar, dar uma meia hora para eles treinarem fora... Meia hora, Dilma.

Meus queridos companheiros e companheiras,

Nós atravessamos mais um ano. Não é pouca coisa a gente atravessar um ano porque o dom maior que Deus nos deu foi a vida. Então, cada ano que a gente consegue comemorar o Natal, é motivo de muita alegria porque significa que nós vencemos mais uma batalha. Este ano tinha tudo para ser um ano extraordinário aqui no Brasil e, eu diria, em todo o mundo se não fossem alguns acontecimentos que mexeram com pessoas. Foi o terremoto da China, que matou milhares de pessoas; foi aquele ataque bárbaro de terroristas na Índia, que matou centenas de pessoas; foi a chuva em Santa Catarina, que matou mais de... já 132 pessoas; agora em Minas Gerais, acho que já tem 12 mortos; no Rio de Janeiro também morreram algumas pessoas. Mas como nós também aprendemos que as coisas boas e as coisas ruins que acontecem são traçadas na nossa vida quando Deus nos coloca no mundo, e quando acontecem coisas como mudanças de intempérie, que a gente não consegue controlar, nós nunca vamos nos conformar.

A única coisa que nós temos que ter é a tranquilidade de saber que fizemos o que era possível fazer nas circunstâncias. Em Santa Catarina, por



exemplo, de todos que morreram, me parece que apenas três morreram afogados. Todos os outros morreram por deslizamento de terra, ou seja, o excesso de água, quatro meses de chuva, fez com que... nem as áreas que eram reservas, parques estaduais conseguiram segurar a terra. Uma fatalidade que nós vamos trabalhar para evitar que as pessoas fiquem no mesmo lugar que aconteceu, porque se aconteceu agora poderá voltar a acontecer. De qualquer forma, o governo, acho que numa rapidez extraordinária, com muita solidariedade dos ministros, tomou todas as atitudes que tinham que tomar para começar o processo de recuperação.

Além disso, eu não poderia deixar de lembrar, eu penso que o Brasil teve um ano bom. Nós tivemos um crescimento econômico importante, o número de trabalhadores com carteira assinada só neste ano, de janeiro a outubro, chegou a 2 milhões e 200 mil trabalhadores com carteira profissional assinada. Nós inauguramos uma quantidade enorme de escolas técnicas pelo Brasil afora, o salário das pessoas, aos poucos, vai melhorando, e nós estávamos com uma perspectiva de crescimento acima de 6% este ano.

Aconteceu uma coisa desagradável, também fora do Brasil, mas que tem repercussão no Brasil, que foi a crise americana. Como os Estados Unidos são o país mais importante do mundo, US\$ 14 trilhões é o PIB americano, é um país em que o mundo inteiro tem negócios, vende e compra para os Estados Unidos, essa crise pode afetar mais países, sobretudo os grandes exportadores para os Estados Unidos. Só para vocês terem uma idéia, as Bolsas perderam US\$ 31 trilhões por conta da crise americana. Não dá nem para a gente imaginar o que significam US\$ 31 trilhões. Só (em) dinheiro para salvar os bancos, foram colocados US\$ 600 bilhões. E 69% dessa crise é nos Estados Unidos, 69% dela é da responsabilidade direta das coisas que aconteceram nos Estados Unidos; 28% na Europa; 3% na Ásia. Portanto, nós aqui deste lado do mundo não temos nada a ver com a irresponsabilidade que permitiu que acontecesse essa crise, que é a crise mais grave que já



aconteceu no Planeta.

Vocês estão percebendo que tem um certo confronto entre eu e algumas notícias de jornais, porque de vez em quando se passa a idéia de que a crise já chegou ao Brasil e que o Brasil está envolvido na mesma crise dos Estados Unidos. Eu quero, aqui, nessa antevéspera de Natal dizer para vocês: o Brasil é o país que mais está preparado para enfrentar essa crise e o Brasil será o país que sairá melhor dessa crise, porque nós fizemos o sacrifício de juntar o nosso dinheirinho, enquanto outros faziam a farra do boi.

Todo mundo aqui conhece a história da cigarra e da formiga. Pois bem, nós éramos as formiguinhas que trabalharam, que juntaram reservas, que não gastaram aquilo que não podiam gastar, e quando a crise se apresenta, nós vamos ter problemas, não por conta apenas da crise diretamente no Brasil. Nós vamos ter problemas porque o crédito desapareceu no mundo, o dinheiro sumiu. Nós temos, aqui no Brasil, reflexo de 30% do crédito que circulava no Brasil, eram créditos tomados em dólar tomados lá fora. Na medida em que o crédito lá fora some, as empresas que tomavam dinheiro emprestado lá fora, vêm tomar dinheiro emprestado aqui dentro. Então, você tem mais gente pedindo dinheiro que nos anos anteriores, e obviamente que o sistema não estava preparado para atender os 70 que já atendíamos e os 30 que habitualmente tomavam dinheiro lá fora.

Mas também vamos superar isso. Vocês sabem que eu sou um homem que gosta de enfrentar crises. Eu digo sempre que eu já comecei a enfrentar crise para nascer e para sobreviver no Nordeste brasileiro. Em vez de ficar assustados, nós estamos preparando o Brasil para enfrentar a crise. Por isso, não vamos parar nenhum investimento, por isso não vamos parar nenhuma obra do PAC, e agora em janeiro vamos criar outras obras do PAC para mostrar que a gente não está com medo dessa crise. E nós vamos enfrentar essa crise incentivando a economia brasileira a crescer. O Ministério da Fazenda, do Planejamento, o Banco Central, todos estão convencidos de que o



Brasil pode ensinar ao mundo como enfrentar essa crise. E estou certo de que nós iremos vencer essa batalha.

Estou dizendo isso porque quando chega o final do ano, a coisa mais normal é um pai querer comprar um presente para o filho, é uma mulher querer dar um presente para uma amiga ou dar um presente para o marido ou para o namorado. Por mais simples que seja, a verdade é que todos nós gostaríamos de poder dar uma lembrança. Eu me lembro que teve um ano em que a crise no Brasil estava muito profunda, acho que ainda nos anos 90, e que virou quase uma farra as pessoas darem CD para a gente de presente. Então, era CD... a pessoa não podia comprar nada, comprava um CD. Só não valia comprar CD pirata, mas as pessoas davam CD.

Eu tenho certeza que este ano as coisas estão melhores e eu tenho certeza que as pessoas precisam enfrentar essa crise com a seguinte compreensão: se a gente tem problemas, está devendo, já comprou alguma coisa, a gente não pode fazer dívida mais do que a gente pode pagar, porque o resultado será péssimo para o futuro da gente. Mas se a gente não tem dívida, tem vontade de fazer uma pequena dívida para comprar alguma coisa para a sua família e está com medo de comprar porque pode perder o emprego, o que vai acontecer é que se todo mundo parar de comprar aí, sim, vai ter desemprego. Nós não comprando, a loja não pede para a fábrica, a fábrica não produz. Então vai ter desemprego na fábrica, vai ter desemprego na loja e vai ter desemprego em muitos outros lugares.

Por isso que eu tenho passado os últimos meses fazendo propaganda do consumo, porque é a lógica da economia. É uma roda-gigante, ela está girando, ela está girando. Se a gente parar para tirar um passageiro, pára a roda inteira. Então, é preciso que a gente tenha clareza disso.

O governo vai cumprir com os seus compromissos e estamos aqui trabalhando. Já marcamos para o dia 20 de janeiro uma nova reunião para a gente discutir quais os outros planos que a gente vai anunciar, porque é uma



questão de orgulho para nós, é uma questão, eu diria, quase uma profissão de fé mostrar ao mundo que o Brasil sabe fazer as coisas melhor do que muita gente que acha que sabe fazer mais do que nós.

Os Estados Unidos não poderiam ter essa crise se tivessem tido responsabilidade quando precisavam ter responsabilidade. Desde setembro do ano passado, nós estamos falando dessa crise, e só vieram tomar atitude agora, ou seja, em um ano ela foi crescendo e o nosso papel é proteger o nosso País. Eu digo sempre o seguinte: cuidar do nosso povo, cuidar da nossa gente, cuidar do nosso País. Nós passamos muito tempo amargando o pão que o diabo amassou. Nós encontramos o caminho e não vamos permitir que ninguém atrapalhe.

Dentro disso, eu queria dizer para vocês que este Natal é o momento de a gente fazer uma reflexão profunda sobre nós mesmos, sobre como nós estamos cuidando da nossa família, como nós estamos nos tratando dentro de casa, porque tudo isso tem reflexo na nossa vida, no mundo do trabalho e fora da nossa casa. Quando eu vejo essas notícias de pedofilia, de verdadeiros bandidos vendendo fotografias de crianças em situações que são impensáveis para um ser humano racional, eu fico imaginando como é que essa pessoa foi criada dentro de casa, que educação essa pessoa teve.

Ontem eu vi... cheguei em casa ontem, que eu ia jantar com o Presidente de Cuba e fui em casa tomar um banho para ir para o Torto jantar com o Presidente de Cuba, e estava vendo uma novela que eu não sei que horário que era, se era das 8 ou das 8h30. Não era “A Favorita”, não, era outra, porque de vez em quando eu também vejo. Era outra. Aparece uma cena do pai comprando, acho que uma passagem, para fazer uma viagem com a família e a filha na frente do pai pega a passagem, rasga e fala “eu não vou”. Sai, vai embora com a amiga e deixa o pai com a cara de tonto na televisão.

Eu fico me perguntando que tom educativo tem uma cena dessas. O que isso provoca na cabeça dos adolescentes que estão vendo aquilo? O bom é



desobedecer, o bom é afrontar o pai e a mãe? E o que é grave é que na televisão mostra a afronta, mas não pode mostrar o pai repreendendo. Se bater, um tapinha no lugar merecido, já vai alguém abrir um processo porque a novela mostrou um pai repreendendo a filha. Então fica um processo de educação pelo avesso.

Além disso, eu fico imaginando a quantidade de coisas que os nossos filhos assistem todos os dias na televisão. Antigamente era difícil, porque era tudo... tinha que levantar para mudar de canal e a família ficava brigando, com preguiça “vai você mudar de canal, vai você”, ninguém queria levantar do sofá, então a televisão ficava no canal ao mesmo tempo. Agora, com controle remoto, ninguém controla. A gente não consegue nem vê um filme mais. Está vendo um, começa publicidade, a gente passa para o outro, aí tem outra coisa, a gente está vendo, quando volta já começou do outro lado. Ou seja, nós terminamos vendo os filmes todos pela metade. E aí a gente não tem controle do que as crianças estão vendo. Antigamente, desenho animado era uma coisa bonita, era uma coisa para as pessoas aprenderem, as crianças ficarem confortáveis. Hoje, desenho animado é guerra. Eu vejo os meus netos com um tal de um videogame lá, é caindo gente toda hora. Eu considero uma coisa muito delicada o que está acontecendo na humanidade, ou seja, as pessoas estão subordinadas a não conversarem mais.

Então eu penso que neste Natal e neste Ano Novo era importante que a gente fizesse uma reflexão sobre a nossa vida, a nossa relação com a família. Às vezes um pai vê um filho rebelde dentro de casa, não conversa, não existe educação sexual, ou seja, tem um monte de tabus que foram criados durante a vida inteira, que a gente não consegue ultrapassar. Quantas vezes um pai ou uma mãe sentou com uma filha de 15 anos e a preparou para o mundo? A verdade é que a gente não está preparado para preparar, e o preconceito não permite que se prepare onde deveria preparar, que é na escola. Então, não se prepara dentro de casa, não se prepara na escola, o mundo prepara, e muitas



vezes prepara do avesso, muitas vezes prepara diferente daquilo que a gente queria. Quando a gente vê uma barbaridade qualquer, a gente tem que saber porque aquilo aconteceu, onde nasceu, porque nasceu.

Como eu sou adepto da tese de que não existe nada melhor para a gente viver bem do que a família da gente estar em harmonia, do que a família estar bem, do que os maridos e as mulheres estarem bem e passarem isso, porque é engraçado que os filhos notam. Quando a gente está bem, está tudo alegre... quando a gente está bem, a gente acorda até com a cara mais feliz, as pessoas vêem nos olhos da gente. Se a gente está brigado, os filhos percebem também. Então, nós temos uma responsabilidade enorme de ser exemplo para aquilo que nós queremos que os nossos sejam.

Eu penso que este Natal merece essa reflexão de nós para que a gente possa, no ano que vem, nessa mesma época... Vocês vão ter que me aturar ainda mais no ano que vem e mais outro ano, porque eu e Deus somos parceiros, então eu sei que vou viver até terminar o meu mandato. Depois é por conta dele, mas até terminar o meu mandato... Então, eu queria dizer para vocês que nós temos dois anos ainda pela frente para comemorar o Natal, e eu gostaria que a cada ano a gente tivesse um Natal melhor, que a gente pudesse agradecer a Deus que as coisas melhoraram dentro da nossa casa, que os nossos filhos estão mais carinhosos conosco e nós mais carinhosos com eles, que nós nos compreendêssemos...

Eu acho que é isso o que eu gostaria que acontecesse. Gostaria também de dizer para vocês que o nosso querido José Alencar... Ele, nesses últimos dias, fez várias operações, tem um câncer que está incomodando. Ele já definiu: o câncer é como se fosse o inimigo e ele está em guerra com o câncer, então ele não vai dar trégua. Apareceu, ele corta. Todo mundo sabe que o José Alencar é um homem otimista, extraordinariamente otimista. Tem horas que a gente vê ele e nem parece que ele teve câncer ou fez tantas cirurgias.



Eu penso, Gilberto, que você, que quase foi padre, viesse aqui na frente para a gente terminar este meu discurso aqui impreciso e desnecessário com uma prece para o nosso companheiro José Alencar, que a gente, de pé, pudesse rezar um Pai Nosso. Você, Franklin, também reza um Pai Nosso, que vai fazer bem para você.

**Gilberto:** Vamos, então, rezar a oração que Cristo nos deixou, lembrando do José Alencar e de todos os nossos familiares, de todos aqueles que precisam da nossa oração.

(\$211A)